

**Depoente:** André Montalvão da Silva

**Entrevistador:** Caroline Cunha Rodrigues. Fernanda Nalon Sanglard.

**Data:** 17 de julho de 2017.

**CAROLINE:** Depoimento gravado no dia 17 de Julho de 2017, por Caroline Cunha Rodrigues e Fernanda Nalon, na Cidade Administrativa em Belo Horizonte, por telefone com André Montalvão.

**FERNANDA:** André Montalvão, o senhor podia então se apresentar, falar o seu nome completo, a sua profissão, onde que o senhor nasceu?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, meu nome completo é ANDRÉ MONTALVÃO Montalvão da Silva, eu nasci em Muzambinho, no bairro Guatapará, que é onde eu resido hoje. A minha vida inteira eu fui agricultor familiar, continuo sendo até hoje. Só me afastei da área rural em função de ter me tornado sindicalista. Em 1971, eu fundei o sindicato dos Trabalhadores Rurais de Muzambinho. Meu próximo passo foi a FETAEMG, aonde nós fomos eleitos, eu, meus companheiros de Minas Gerais, em 1975.

**FERNANDA:** Uhum, e qual que era o cargo que o senhor assumiu primeiro?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, no caso, eu concorri à presidência da Federação. Porém o estatuto da entidade, na época, ele permitia que a diretoria eleita se reunisse e escolhesse entre os seus membros o presidente. Como na época a diretoria era de 6, eu me sentia na época com muita pouca experiência para assumir a FETAEMG, eu tinha 31 anos de idade, e o presidente que tava saindo tinha mais de 60. E, no entanto, tinha um senhor com nome de João Batista, que era de Ouro Fino, o João Batista, na diretoria que nós (trecho incompreensível), ele ocupava o cargo de tesoureiro, porque ele tinha substituído o Coronel Alberto, Alberto Moura, que tinha adoecido, e como ele era o primeiro suplente, ele assumiu. No caso, ele foi o... Por que que ele participou da diretoria, dessa diretoria vitoriosa junto comigo? Porque ele foi delator da, da outra, da diretoria que ele participava, ele nos passou todas as informação.

**CAROLINE:** Ah, eu...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hum?

**CAROLINE:** E quais informações que esse coronel passou?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, quem passou as informação foi o João Batista.

**CAROLINE:** O João Batista, diga.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso, as informação de corrupção que havia dentro da FETAEMG.

**CAROLINE:** Ah, tá.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque a história, a história da corrupção era, tudo que nós tamo vendo hoje, ela continua, porque em 1975, quando nós estávamos na FETAEMG, a corrupção tava comendo solta lá, antes de nós chegar. Por quê? Porque a nossa chapa, ela foi vitoriosa, porque a nossa proposta foi de fazer uma limpeza e combater a corrupção que tinha lá dentro.

**CAROLINE:** E...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O João Batista, ele era o primeiro suplente, o Roberto é que era o tesoureiro, esse coronel, entendeu?

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O coronel saiu de licença para tratamento de saúde e o João Batista assumiu a tesouraria. Aí, no caso, ele uniu com a gente que era da oposição e passou as informação das corrupção que tava acontecendo lá dentro. Aí no caso nós fomo vitorioso, e por ele ser uma pessoa mais experiente e a gente confiava nele na época nós pegamos e colocamos ele na reunião de diretoria para ser um presidente e eu assumi a tesouraria.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Entendeu?

**FERNANDA:** Esse Coronel Alberto Moura que o senhor falou, ele era coronel da PM?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Da PM.

**FERNANDA:** Tá, e ele fazia parte do movimento porque ele também era trabalhador rural, qual que era o vínculo que ele tinha com o movimento?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** A informação que eu tive, que lá no Vale do Jequitinhonha ele conseguiu o registro de uma carteira de trabalho para poder concorrer as eleição na FETAEMG. Quer dizer, eu não sei mais além disso da vida dele, nem do período que ele tava na ativa, nem quando ele se reformou e veio para a FETAEMG.

**CAROLINE:** Ah, sim. E sobre a situação da FETAEMG para além da corrupção, como que era essa gestão desse presidente?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Que saiu?

**CAROLINE:** É, que saiu, sobre a atuação em conflito de terra ou sobre a relação com os outros órgãos, com órgãos de segurança, como que era a FETAEMG nessa conjuntura?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, a FETAEMG até então, ela não tinha nenhuma proposta de defesa dos trabalhadores, ela não tinha um programa de defesa. Ela, a Federação, ela era uma entidade assumida convictamente controlada pelos políticos na época, do Estado, governador de Estado, deputados, e era mais em função disso, e ela tinha convênios com o Estado, tinha uma sessenta, senhora que era professora do Estado, que era conveniada e tava dentro da FETAEMG, só para receber salário. Na verdade, assim, não havia uma programação, a não ser assistência médica através do Funrural, porque o Funrural foi criado em 1971, e foi criado exatamente para dar um “cala a boca” na proposta da luta dos trabalhadores pela terra e pela reforma agrária, e aí, no caso, o sindicato e a Federação, a única proposta que eles tinham (trecho incompreensível) ao sindicato era levar para os municípios assistência médica através de ambulatórios médicos e gabinetes dentários para cuidar da parte dentária dos trabalhadores. Porque naquela época, a maioria dos municípios pequenos de Minas Gerais não tinha um médico residente, não tinha um dentista. Então aí foi através do sindicato, que eles começaram... Assim, então a única proposta que a Federação tinha era essa, ela não tinha nenhuma proposta na defesa da agricultura familiar, não tinha uma proposta de organização dos trabalhadores assalariados, não tinha uma proposta de organização dos trabalhadores para lutar pela reforma agrária. A coisa era tão feia que a FETAEMG tinha uma fazenda no município, no distrito de Divisópolis, que na época pertencia a Almenara. Hoje, esse distrito, ele se transformou em município.

**FERNANDA:** Como é que é o nome?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hein?

**FERNANDA:** Como é que é o nome?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Divisópolis.

**FERNANDA:** Divisópolis, uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ficou claro?

**CAROLINE:** Entendi. Montalvão, em relação, nessa época, com órgãos de segurança, seja com DOPS ou Secretaria de Segurança, ou Secretaria do Trabalho, Ministério do Trabalho, como que era a relação da FETAEMG?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Na época... Na época era assim, de paixão e amor, quer dizer, era tudo tranquilo, não pronunciava na defesa dos trabalhadores e era tudo controlado e tudo certinho junto com o Ministério do Trabalho, inclusive delatava. Até os presidente do sindicato, se algum tentava fazer algum movimento em favor da organização dos

trabalhadores, a própria direção da FETAEMG delatava os presidentes do sindicato. Como o sindicato era tudo controlado, né, pelo Ministério do Trabalho...

**CAROLINE:** E como que era esse tipo de controle do Ministério do Trabalho, o senhor poderia falar mais sobre a interferência do Ministério do Trabalho?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** A interferência é que tudo que você fazia, você tinha que prestar conta ao Ministério do Trabalho, quer dizer, você não podia... Qualquer atitude que você tomasse e, por exemplo, você não podia fazer uma reunião de intersindical, porque era proibido, a Ditadura tava em cima, e você só podia reunir a categoria, né, você não podia fazer movimento reunindo categoria diferente. Aí, tudo que você ia fazer você tinha que tomar a benção do Ministério do Trabalho.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Você tinha que prestar contas para o Ministério do Trabalho. O Ministério do Trabalho, ele intervia nas entidades, ele intervia no movimento sindical de uma forma em geral.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Era assim, era assim que funcionava. Por exemplo, o fim dos anos 70, nessa época eu já tinha assumido a presidência, por que o que aconteceu? Esse João Batista, que eu citei para você no início da entrevista, ele, ele delatou a corrupção que tinha na FETAEMG, mas quando ele assumiu a presidência a primeira coisa que ele fez foi juntar com duas senhoras lá dentro, que elas eram advogadas, e começou a praticar corrupção, e apoiado pelo Ministério do Trabalho.

**CAROLINE:** Ah, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí, foi uma luta enorme nossa para poder cassar ele. Nós cassamos ele no fim dos anos 70, mas para que isso acontecesse nós tivemos que ter autorização do ministro do trabalho para realizar assembleia.

**CAROLINE:** Ah, é?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso foi uma luta imensa.

**FERNANDA:** Isso foi quando?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E aí...

**FERNANDA:** Que foi esse pedido de autorização, foi no fim dos anos 70, o senhor lembra o ano?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Lembro, uai. Quer dizer, não foi bem no fim dos anos 70, foi no fim de 75.

**FERNANDA:** 75.

**CAROLINE:** Ah, tá.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso, no fim de 75.

**CAROLINE:** Então...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Foi nessa época, por exemplo, que eu sofri a maior pressão da minha vida, porque quando eu ia... Eu tinha que ir em Brasília quase que direto, na tentativa da gente liberar a realização da assembleia, e o pessoal do DOPS e (trecho incompreensível), que chamava COSEG também.

**CAROLINE:** Sim, a COSEG.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, e esse pessoal, eles sempre designava policiais disfarçados para ficar me acompanhando. Por exemplo, quando eu entrava no avião aqui na Pampulha, os cara entrava e já sentavam logo atrás de mim ali no avião, chegavam... Eu hospedava em um hotel em Brasília, eles hospedavam no hotel do lado.

**FERNANDA:** E você sabia que eles eram policiais na época ou não? Cê tomava conhecimento depois?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eram policiais, né, só que disfarçava de civil, né.

**FERNANDA:** Uhum, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O último que me acompanhou, eu sei, eu lembro até o nome dele, chamava Tenente Júlio, lá da Polícia Militar.

**FERNANDA:** Tenente Júlio?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ele era da Polícia Militar, mas ele era deslocado para trabalhar na delegacia do trabalho aí em Belo Horizonte, junto com o professor Onésimo Viana.

**CAROLINE:** Uhum, então havia...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Chamava Tenente Júlio.

**FERNANDA:** Uhum, então você era vigiado, todos os seus atos você era vigiado?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Era vigiado e acompanhado. E o Tenente Júlio, só que ali ele trabalhava como uma pessoa civil, cê olhava para ele assim, se você não soubesse quem que ele era, cê pensava que era uma pessoa comum, e era um tenente.

**INTERLOCUTOR:** Sei, e o senhor pode detalhar mais sobre a sua atuação do DOPS e da COSEG de monitoramento do senhor? O senhor lembra de outras situações?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É, eu lembro sim, mas o que eu quero dizer para você é o seguinte, apesar de eles terem me perseguido durante mais ou menos uns, uns 6 anos, eles nunca, graças a Deus, eu nunca fui preso e eles nunca conseguiram me pegar. E a maior pressão que a gente sofreu foi porque a FETAEMG, para a gente poder fazer um movimento de combate à Ditadura na época, e a gente queria criar a Central Única dos

Trabalhadores, e a gente não podia reunir, porque se a gente reunisse eles iam para cima, e nós da FETAEMG, através da minha liderança, nós, nós bancamos as intersindical dentro da FETAEMG.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Nós sofremos tudo quanto foi tipo de pressão, mas eu consegui resistir e banquei.

**CAROLINE:** Qual tipo de pressão que o senhor sofreu?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Uai, o delegado do trabalho ligando, mandando parar de fazer as reunião, ameaçando.

**CAROLINE:** O delegado do trabalho?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É. Que se não parasse de fazer as intersindical, eles iam intervir na FETAEMG, mandava policial de plantão para as reunião disfarçado, só que a gente conhecia todo mundo, a gente identificava.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E foi assim que nós começamos o movimento para criar a Central Única dos Trabalhadores, aí a gente reunia na FETAEMG todas as categorias organizadas que estavam em Belo Horizonte, e até vinha de outros estados também para reunir com a gente.

**CAROLINE:** Então foi meio que um polo a FETAEMG para a organização da CUT aqui em Belo Horizonte, né?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Foi, e nacional também, né, porque eu fui da Comissão pró-CUT até no dia da fundação, aí e eu saí fora por causa de brigaiada, porque começou a brigar demais, que tinha um Joaquim (trecho incompreensível) lá em São Paulo, que era o maior pelego sindical do país, né, então foi muito difícil, aí eu...

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Nessa época eu saí da Comissão pró-CUT, e... Porque na época eu viajei o Brasil inteiro fazendo palestra para a gente poder encorajar a organização sindical a criar a Central.

**CAROLINE:** Entendi. Montalvão...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** era eu e o Cesar Moreira, que foi prefeito de Belo Horizonte, né.

**CAROLINE:** Entendi. Montalvão, você poderia detalhar mais sobre a atuação do Onésimo Viana? Seja através de pressão, ameaças ou monitoramento? O senhor poderia contar mais?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, o Onésimo, é uma pessoa que o professor, ele foi colocado lá pela Ditadura, né, então ele tava lá a serviço do Ministério do Trabalho, e ele agia com mão de ferro com os sindicatos, porque ele agia sob a pressão do próprio Ministério, né. Eu até, depois que ele ficou mais velho e tudo, eu cheguei até a respeitá-lo, porque quando ele estava com mais de 60 anos ele entrou na faculdade e formou em Direito, depois de velho. Mas ele era um instrumento da Ditadura, entendeu?

**CAROLINE:** Uhum. E como que a Delegacia do Trabalho, além do Onésimo Viana, como era a interferência da Delegacia do Trabalho no movimento sindical?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, era da forma que eu tô te falando, era tudo controlado, qualquer movimento maior que o sindicato fizesse, de greve, de luta pela terra, era as ameaça constante de intervenção do sindicato... Era muito difícil, e intervia mesmo.

**CAROLINE:** Sim.

**FERNANDA:** E o senhor sabe de algum caso, nessa região que o senhor atuava aí, Muzambinho, no Sul de Minas, não é isso? Algum caso aí e em outras regiões também durante a sua gestão da FETAEMG que vocês precisaram de intervir para atuar na defesa do trabalhador que estava, os sindicalistas que estavam sendo perseguidos, ameaçados de morte, ou algum caso de morte na sua época que o senhor se recorda?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, eu queria, eu queria colocar para vocês, inclusive tá aqui na minha cabeça, a maior pressão sofrida, e foi, assim, como é que a gente poderia dizer? O massacre de trabalhador aconteceu em Cachoeirinha.

**CAROLINE:** Cachoeirinha?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Cachoeirinha. Cachoeirinha é que era distrito de Janaúba, e eu acredito que hoje lá deve ter virado cidade também, porque faz muitos anos que eu não vou para o Norte de Minas.

**CAROLINE:** Sim, e o que aconteceu exatamente?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, deixa eu te explicar o que que aconteceu.

**CAROLINE:** Hum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu não tava na FETAEMG ainda, e a FETAEMG também nem era criada, porque a FETAEMG foi criada em 78. Em 77, um coronel lá em Montes Claros, do nome Coronel Georgino, ele puxou da terra 260 famílias, 260 famílias de posseiros, certo? E nesse dia eles queimaram todas as casas dos posseiros, mataram posseiro, e ficou... Ficou alguns posseiro inclusive paraplégico. E o que que acontece? Esse pessoal foi expulso da terra, e lá em Cachoeirinha, o bispo de Montes Claros cedeu uma área para eles levantar os casebre, os barraco deles lá, e a igreja passou a dar



proteção para essas famílias. Quando eu assumi a FETAEMG, aí eu busquei o resgate dessa história, e nós organizamos esses trabalhador e lutamos para retomar essas terras.

**CAROLINE:** E quando começou essa atuação da FETAEMG por Cachoeirinha, como que foi isso?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso foi porque pessoas ligadas aos trabalhadores vieram até a FETAEMG, contaram a história, e nós... Aí eu, naquela época eu já estava organizando a luta dos trabalhador pela terra em Minas Gerais, já tinha vários locais que a gente tinha luta, e aí nós fomos até Cachoeirinha, conhecemos a história verdadeira de lá e passamos a organizar os trabalhadores, passamos a lutar para retornar o trabalhador da terra que era dele, né...

**CAROLINE:** Sim, e quando ocorreu isso?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hein?

**CAROLINE:** Quando ocorreu?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Quando que ocorreu isso?

**CAROLINE:** É, quando vocês começaram a atuar por Cachoeirinha?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, nós começamos a atuar, assim, Cachoeirinha, mais ou menos em 77.

**CAROLINE:** Ah, em 77?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** 77. E nós conquistamos a terra de volta quando, eu não recordo o ano, mas foi quando Tancredo foi governador de Minas.

**CAROLINE:** Ah, sim. E essa atuação a partir de 77, cê tem mais detalhes sobre elas? Porque os posseiros de Cachoeirinha, a gente esteve lá no Norte de Minas, e eles ressaltam muito que na década de 70 eles não obtiveram uma ajuda externa, somente nos anos 80, para eles, que veio a ajuda através do Luiz Chaves.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Pois é, mas... E eles tiveram coragem pelo menos de falar de quem, para quem que Luiz Chaves trabalhava ou não?

**CAROLINE:** Sim, pela FETAEMG, mas eu gostaria que o senhor me explicasse um pouco sobre como em 77 a FETAEMG tentou ajuda-los?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, aí foi através da história, porque aí que começou, a gente começou a se organizar para poder ajudar, aí o que que nós fizemos? Nós criamos o polo de Montes Claros.

**CAROLINE:** Ah, sim.



**ANDRÉ MONTALVÃO:** Colocamos gente lá para trabalhar, o Luiz era do Rio Grande do Sul, nós trouxemos ele para Belo Horizonte, certo?

**CAROLINE:** Entendi. Ah! Agora eu entendi. A própria criação da regional em Norte de Minas veio pela demanda de Cachoeirinha, né?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso, aí nós conseguimos construir o nosso polo lá, não só o Luiz, aí tinha um advogado muito bom também que nós conseguimos pôr lá junto com o Luiz, chamava Afrânio.

**CAROLINE:** O Afrânio, certo.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Doutor Afrânio. Já ouviu falar dele?

**CAROLINE:** Sim, sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, aí foi através do Luís e do Afrânio, e da nossa coragem, que ninguém tinha coragem de enfrentar, não.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí a diretoria da Federação, através de nós, nós colocamos a cara a tapa e enfrentamos.

**FERNANDA:** Quando que esse...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí fomos para cima, aí, eu tô falando para você, a coisa só foi deslanchar a partir de 80, porque foi na época do governo de Tancredo.

**CAROLINE:** Uhum, entendi. Então antes de 77, nenhum órgão, seja sindical, do governo, tentou ajudar os posseiros de Cachoeirinha?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Olha, eu não posso relatar muito...

**CAROLINE:** É que o senhor saiba.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É, porque eu também, eu, para ser sincero, eu só vim tomar conhecimento da existência do movimento sindical e da organização sindical, mesmo, a partir de 70. Antes, como eu vivia aqui na roça, naquela época cê não tinha energia, cê não tinha telefone, cê vivia assim, sobre a luz de lampião, então a gente não tinha informação nenhuma, nem rádio à pilha não tinha. Eu era uma pessoa, simplesmente um trabalhador rural, não tinha informação de nada. Então, assim, eu não tenho muita condição de relatar, então tô relatando para vocês que foi a partir de 77 que eu fui conhecer a história.

**CAROLINE:** Então, Montalvão, voltando à FETAEMG, você poderia falar mais sobre a questão de infiltrados, possíveis infiltrados na instituição?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Infiltrados como assim?

**CAROLINE:** Policiais ou agentes de segurança.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, isso era uma coisa que acontecia naturalmente, normalmente. Todas as vezes que a gente marcava qualquer reunião, que tinha movimento, tinha greve, a nossa, a primeira greve de trabalhador rural que nós conseguimos fazer em Minas Gerais foi em 1981, até então nunca os trabalhadores rurais de Minas, através do sindicato, tinha feito uma greve para reivindicar salário. Então todas as vezes que cê fazia qualquer reunião, qualquer movimento, esses agentes, eles estavam no meio infiltrados e, por exemplo, quando cê ia fazer uma reunião, na luta pela reforma agrária, para combater a violência, porque a violência comia solta em cima dos trabalhadores na época. Toda vez que cê ia fazer uma reunião, e isso era constante, a gente chegava lá para fazer a reunião e tinha mais polícia do que trabalhador. Era assim que funcionava.

**FERNANDA:** Aham.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque a luta pela terra na época, quando nós assumimos para valer mesmo, ela foi muito difícil, e a gente fazia concentrações no Estado de Minas inteiro, com 5, 10 mil trabalhadores.

**CAROLINE:** Entendi. Mas em relação a funcionário, existia algum funcionário infiltrado na FETAEMG, que trabalhava na FETAEMG.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, sim. Isso teve, uai, isso teve, sim. Nós tivemos, por exemplo, quando eu cheguei, tinha o Doutor Breiman, não é?

**FERNANDA:** Que era um médico?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso. É, que era um advogado, e, segundo a informação, eu nunca consegui apurar direito... Mas a informação que tinha, que ele tava a serviço desse departamento aí, que nós falamos, da COSEG, e a tática dele, sabe como que era? Era aproximar cada vez mais da gente. Então eu fui desconfiando dessa história porque o seguinte, quase que mensalmente ele queria me pegar eu com a minha esposa e levar para os melhor restaurante que tinha em Belo Horizonte para jantar, né, porque é assim que eles faziam, a tática deles na época era essa, era aproximar das pessoas. Então, assim, então o Doutor Breiman, a informação que eu tinha, que ele era. Aí nós chegamos à conclusão de despedi-lo e manda-lo embora.

**CAROLINE:** E o senhor tem conhecimento de outros, e aí o que que aconteceu?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E aí, nessa época aí, eu posso até (trecho incompreensível) uma coisa, o Onésimo me chamou para contestar, por causa de eu mandar ele embora, né.

**CAROLINE:** Ah, o próprio Onésimo Viana?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É. Eu falei: “Não, uai! Eu tô mandando porque quem é presidente da FETAEMG sou eu. Eu sou o presidente da FETAEMG. Enquanto eu tiver lá, quem administra a FETAEMG é os trabalhadores rurais”.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu falei: “Ele já tá mandado embora e acabou”.

**CAROLINE:** Uhum, e o senhor tem...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Foi a mesma, foi a mesma coisa quando eu chamei o João Dalício, que eles tinham cassado, ele me chamou lá também e falou para mim que eu não podia colocar o João Dalício na FETAEMG, ele falou: “Uai, mas quem contrata na FETAEMG não é senhor, quem contrata lá é a diretoria”.

**CAROLINE:** E porque não podia contratar o João Dalício de novo, segundo o Onésimo?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Por que que não podia?

**CAROLINE:** É.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque eles consideravam ele subversivo. Não falei com cê que ele chegou da Venezuela e eles cassaram ele?

**CAROLINE:** Ah, sim. Para fins de registro, o senhor poderia comentar mais sobre o que aconteceu com o João Dalício, quem entrou, quem foi retirado?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Posso. O João Dalício eles mandaram... Tinha um congresso na Venezuela dos trabalhadores, e eles mandaram ele. Aí, ele chegou lá, fez o depoimento que ele tinha que fazer, correto, falando da situação difícil que os trabalhadores viviam aqui no Brasil, né, da perseguição que havia contra os trabalhadores, os sindicato. E aí, o quê que acontece? Esse Coronel Alberto, que era o primeiro suplente da diretoria na época, eles aprontaram para, armaram para cima dele. Quando ele chegou aqui, o Ministério do Trabalho cassou ele, que foi Onésimo Viana que cassou.

**FERNANDA:** Cassou o João Dalício?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E colocaram o Alberto no lugar dele.

**CAROLINE:** E colocaram o Coronel Alberto no lugar do João Dalício?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Do João Dalício, isso mesmo. Você vai conversar com o João, o João vai colocar isso para você.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí, aí, a terceira vez, o que que aconteceu? O João ficou... Porque a pessoa ficava afastada, e eles ainda divulgavam o nome da pessoa, a pessoa acaba perseguida, ninguém dava trabalho para o rapaz.

**CAROLINE:** Ah, é?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Era assim, ué. Aí, para ele poder sobreviver, ele conseguiu arrumar um taxi e foi trabalhar de taxista em Belo Horizonte. Como eu já conhecia o João antes de eu ir para a FETAEMG, aí eu conversei com os companheiros da diretoria, eu falei: “Vamos trazer o João para cá, um cara experiente, vai nos ajudar muito”. Porque na época eu estava montando uma equipe para trabalhar no Estado inteiro, porque os trabalhador era muito desorganizado, não tinha organização nenhuma, e não tinha consciência também, então a gente queria organizar os trabalhadores, dar uma consciência política para os trabalhadores, dar uma consciência de organização, dar uma consciência de luta para que os trabalhadores aprendessem a lutar. E aí, na época, nós contratamos mais ou menos em torno de umas 40 pessoas para trabalhar dentro do Estado de Minas, nós fomos buscar aquelas pessoas que tinha experiência no movimento, pessoal ligado à Pastoral da Terra, pessoas que tinham sido sindicalistas, tinham sido cassadas em 64, e o João Dalício foi um desses.

**FERNANDA:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque o movimento sindical, em 1964 existia só 5 sindicatos em Minas Gerais, e a Federação também já havia sido criada, então o Golpe Militar fechou a Federação e fechou os 5 sindicatos na época, aí só recomeçou em 68. Então, a história de João Dalício, ela vem daí.

**FERNANDA:** Entendi. Ô, Senhor **ANDRÉ MONTALVÃO**, e além do, dessas questões que o senhor contou para a gente e que foi, enriqueceu muito esse nosso registro, e o senhor mencionou o nome do Doutor Brina, parece que tinha um médico também, que depois vocês descobriram que era infiltrado, um que trabalhava no ambulatório?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, eu tentei de todas as formas, durante esses dias, lembrar o nome, lembrar o nome desse coronel... Ele era... Fazia parte do Exército na época, que era o General Bandeira, que era do 4º Exército aqui, em Belo Horizonte, e ele era médico, e ele trabalhava dentro do ambulatório da FETAEMG, que a FETAEMG, conforme eu te falei que no início à FETAEMG, ela só, ela não organizava os trabalhadores, ela trazia o trabalhador para dentro do sindicato através do assistencialismo, então a FETAEMG tinha criado, também em Belo Horizonte, um ambulatório que chamava Ambulatório União 13, e esse médico do Exército, ele trabalhava dentro do ambulatório da FETAEMG.

**FERNANDA:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Só que eu, assim, o João Dalício, ele vai, se ocê lembrar de perguntar ele, ele vai saber o nome desse senhor.

**CAROLINE:** Vou perguntar.

**FERNANDA:** E aí, depois, vocês chegaram à conclusão que ele era infiltrado também, que ele passava informações?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Tanto que ele era infiltrado que eu mandei embora.

**FERNANDA:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu descobri e mandei embora. Eu mandei embora. Na cassação desse João Batista, que eu te falei que precisou do Ministério do Trabalho para autorizar, porque esse médico, através do comando do 4º Exército, estava dando proteção para esse senhor dentro da FETAEMG.

**CAROLINE:** Uhum, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Entendeu? Só não lembro mais o nome dele.

**FERNANDA:** E aí a perseguição contra o senhor aumentou nesse período, depois dessas ações de demitir...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O que que aconteceu?

**FERNANDA:** É, eu queria saber se a, se a perseguição ao senhor, o monitoramento das suas atividades aumentou depois que o senhor tomou essas decisões, de tirar essas pessoas, quando o senhor começou...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aumentou, nesse sentido que eu te falo, de tá sempre do meu lado, observando tudo que eu ia fazer, só faltava entrar no banheiro. Agora, violência física, graças a Deus, não, nunca, graças a Deus nunca tive, sabe? Apenas uma vez, esse João aí, que tentou me matar, ele mais 4 pessoas que fazia parte do grupo dele, mas foi de carro e, graças a Deus, ele é que tombou o carro, ali perto da Santa Casa, ali, no monumento que tinha ali, quase morreu todo mundo e eu graças a Deus escapei. Foi apenas um comentário particular, não tem nada a ver.

**FERNANDA:** Foi quando isso?

**CAROLINE:** Não, mas tem a ver, sim. Como que aconteceu isso?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Como que aconteceu?

**CAROLINE:** É.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Foi quando eu descobri quem tava dando proteção para esse João Batista, que era o ministro do trabalho, era o Onésimo Viana, era o 4º Exército através desse médico aí, sabe, que era o coronel, e eu tinha um dossiê, que eu já tinha conseguido montar, e eu tive a coragem de ir até o Ministério do Trabalho, lá no Onésimo Viana, discutir com ele e levei esse dossiê para provar para o Onésimo quem que era que estava praticando corrupção lá na Federação, e quem que tava dando apoio. Aí,

quando eles descobriram que eu tinha ido ao Ministério do Trabalho, eles foram atrás de mim para me interceptar. Aí, ali eles sofreram um acidente e não conseguiram chegar.

**FERNANDA:** Entendi.

**CAROLINE:** E aí...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí que eu cheguei lá e conversei com o Professor Onésimo Viana, expliquei a situação tudo para ele, apesar da dureza dele, e falei: “Olha, eu quero fazer assembleia, vou fazer, e ocê, eu vou até o ministro e o ministro vai autorizar a assembleia”, aí levou uns 3 a 4 meses para conseguir, mas nós conseguimos.

**FERNANDA:** E o senhor disse que eles foram de carro, ele e mais outras pessoas, né. O senhor sabe quem tava com ele, com o João Batista, atrás do senhor, esse dia, para interceptar o senhor?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Você pode repetir?

**FERNANDA:** O senhor mencionou que o João Batista não tava sozinho no carro, que ele foi atrás do senhor, para interceptar o senhor, junto com outras pessoas, e o senhor sabe com quem ele tava, quem que tava dando apoio para ele?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ele tava com as duas mulheres que estavam ajudando ele a praticar corrupção, que uma chamava Doutora Lêda e a irmã dela chamava Iêda, e tava também com um advogado, que fazia parte do grupo e dava proteção também para ele, esse advogado eu não recordo o nome também hoje.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Entendido?

**FERNANDA:** E aí eles sofreram acidente?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E sofreram acidente.

**FERNANDA:** Entendi. Em Belo Horizonte?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Em Belo Horizonte.

**CAROLINE:** Entendi. Montalvão, você mencionou que fez a contratação de mais 40 pessoas, né, para estruturar a FETAEMG nas regiões de Minas Gerais. Cê pode contar mais sobre isso? Por que que vocês fizeram isso... Era...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque que nós fizemos isso é o seguinte, porque as... É porque os trabalhadores eram totalmente desorganizados, o sindicato que existia na época, tinha 78 sindicatos quando eu cheguei lá, tinha 78 sindicato, e o sindicato, como era assistencialista, eles não organizavam os trabalhadores, era, era conhecido, em Minas Gerais, como sindicato pelego na época. E a FETAEMG também tinha uma história muito ruim, inclusive junto dos outros sindicatos existentes em Belo Horizonte, em Minas



Gerais, de outras categorias, por causa do comportamento ruim da FETAEMG, e a gente tinha que mudar essa história, e para mudar essa história, cê tinha que mudar através dos trabalhadores. A primeira coisa era conscientizar os trabalhadores, que se não conscientizasse os trabalhadores, cê não conseguia mudar a direção sindical. Entendeu?

**CAROLINE:** Entendi, e você fez...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu tô falando muito alto?

**CAROLINE:** Não, tá certíssimo. Então vocês fizeram a contratação de assessores sindicais e jurídicos?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Para isso. Para poder... Isso, para poder organizar os trabalhadores, e aí nós criamos os chamados pontos sindical, né, porque aí eu consegui, na época, junto com a diretoria da época, nós conseguimos fundar os chamados polos sindical, que estão espalhados hoje em Minas Gerais inteira, nós temos em todos os lugares.

**CAROLINE:** Isso. E alguma mobilização em relação aos conflitos de terra também?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, nasceu, a ideia nasceu exatamente por isso, porque... Os trabalhadores na região do Norte de Minas, do Vale do Jequitinhonha, estavam sendo dizimados. Em 79, o governo militar, ele deu incentivo fiscal para plantação de eucalipto das empresas, e como as terras eram devolutas em Minas Gerais, os posseiros não tinham escritura de terra, então as empresas de reflorestamento, eles foram expulsando os trabalhadores, queimando casa e foram destruindo tudo no Norte de Minas. Tanto que Montes Claros, a cidade se agigantou através da expulsão dos trabalhadores do campo, e a única forma que nós achamos de barrar isso foi criando o sindicato e organizando os trabalhador para resistir, entendeu?

**CAROLINE:** Entendi, uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí, nós fizemos o seguinte, na área que tinha mais assalariado e agricultura familiar, como no caso do Sul de Minas, daonde eu sou, e eu estou agora, nós trouxemos trabalhadores para trabalhar na FETAEMG que tinha mais conhecimento dessa área. No Norte de Minas, pessoas que já eram mais na defesa da reforma agrária e na defesa da luta dos trabalhadores. Aí, no caso, nós contratamos mais foi gente ligada à Pastoral da Terra, porque a Pastoral, ela já tinha uma história de defesa dos trabalhadores nessas áreas de conflito, entendeu?

**CAROLINE:** Uhum. Então de acordo com a região vocês definiam o perfil do assessor sindical jurídico.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.



**CAROLINE:** No Norte de Minas conflito de terra, Sul de Minas mais questões trabalhistas, né?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**FERNANDA:** E na Zona da... Na Zona da Mata, como é que era o perfil?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E esse que foi o grande salto que a FETAEMG deu. Ah! E o perfil desses trabalhadores, seguinte, a gente tinha uns que tinham formatura, tinha curso superior, mas a gente pegava até pessoas que não, que tinham 4º ano primário, mas que tinha participado do movimento sindical e que sabia organizar os trabalhadores e que tinha capacidade mútua, porque para mudar cê tinha que ter pessoas que realmente tivessem coragem de enfrentar, e enfrentar luta organizada na época não era fácil por causa da Ditadura, então o perfil que a gente escolhia era esse.

**FERNANDA:** Entendi. Mas nas outras regiões do Estado, que eu tava querendo saber assim, que tipo de conflito, que tipo de problemas eram maiores, por exemplo, na região central, na região da Zona da Mata Mineira e tudo, que não eram...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** A Zona da Mata foi uma das região que foi organizada por último, certo? Mas a Zona da Mata, o problema maior era de assalariado, né, no caso de cana e agricultura familiar. No caso do Sul de Minas também, agricultura familiar. E outra coisa, naquela época, até no início dos anos 80, trabalhador assalariado era uma dificuldade imensa, porque os trabalhadores trabalhavam até o fim da vida, eram mandado embora, os direitos trabalhistas não eram reconhecidos, não existia justiça do trabalho, só tinha justiça comum, e a justiça comum para julgar um processo do trabalhador levava 10 anos, o trabalhador não tinha cidadania, o trabalhador para poder entrar com ação na justiça, ele tinha que ter um atestado de pobreza. Então foram essas dificuldade.

**FERNANDA:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** (Trecho incompreensível) meu compromisso, que já passou da hora. Se a gente pudesse continuar outra hora.

**CAROLINE:** Sim, eu posso te ligar por volta das 14h00min?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu ainda quero relatar procês o dia que o Luciano foi na FETAEMG para me matar.

**CAROLINE:** Sim, o Antônio Luciano, né?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**CAROLINE:** Então, Montalvão, eu posso te ligar por volta das 14h30min, 14h00min?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Pode sim, uai. Se ocê não conseguir também, pode ser amanhã, no horário que nós tinha combinado.

**CAROLINE:** Sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Mas eu vô tá em casa lá pelas 14h00min.

**CAROLINE:** Eu vou te ligar então, a gente tenta.

**FERNANDA:** E aí o senhor podia falar um pouquinho também da greve de Passos, né.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, sim, vamos falar.

**CAROLINE:** E da usina da Gurgel, que o Rômulo contou.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu não sei, se eu não tiver sendo chato, para mim tá tudo bem.

**CAROLINE:** Não, está sendo ótimo, ótimo mesmo. Muito obrigada.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu falo assim, porque a gente tá indo e voltando, né, mas depois cês organiza, né?

**CAROLINE:** Não, isso tá ajudando muito, Montalvão. Muito obrigada, viu.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Tá bom. Então fica assim, viu.

**CAROLINE:** Tá, muito obrigada, viu. Tchau!

**FERNANDA:** Combinado, até mais tarde.

**CAROLINE:** Continuação do depoimento com **ANDRÉ MONTALVÃO** Montalvão, dia 17 de Julho de 2017. Pode começar **ANDRÉ MONTALVÃO**, você ia falar sobre a relação com os órgãos.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso, você me perguntava sobre a relação da FETAEMG com os órgãos públicos, não é isso?

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então o que que acontece, é como eu disse, a FETAEMG de antes era praticamente controlada pelo Estado, e quando eu digo Estado, no caso do Estado de Minas, havia muita interferência de políticos dentro da FETAEMG, secretários de estado, deputados, e nós procuramos fazer um corte nisso, mantendo distância. Era uma relação de respeito, mas também de enfrentamento quando algum organismo de Estado prejudicava os trabalhadores, e isso aconteceu demais. Se eu não me engano, cê me perguntou sobre a Ruralminas e?

**CAROLINE:** O Incra.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O Incra.

**CAROLINE:** Como era a relação, por exemplo, com o Incra e a Ruralminas?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, com o Incra era um pouco mais difícil, porque na verdade o Incra é federal, e, na época, enquanto o governo era o governo da Ditadura, era um relacionamento muito difícil. E com a Ruralminas também pelo comportamento...

**CAROLINE:** Difícil em que sentido?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hein?

**CAROLINE:** Difícil em que sentido?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Sentido que eles não davam a menor atenção para as questões do trabalhador na época, né, os trabalhador era sempre considerado bandido, invasor de terra, e eles se posicionavam sempre a favor do latifúndio.

**CAROLINE:** Ah, sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Entendeu?

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E no caso, por exemplo, da Ruralminas era pior ainda, porque quando se fala, por conta do Estado de Minas na região Norte e Vale do Jequitinhonha, havia uma concentração muito grande de terras devolutas, aonde a grande maioria dos trabalhadores que ali moravam e trabalhava, que era os chamados posseiros, não havia o menor respeito dos órgãos de Estado por eles. Pelo sistema, o sistema, ele era horrível. As empresas ou os grandes latifundiários, eles expulsavam os trabalhadores da terra, queimavam seus barracos, eles mediam, mandavam medir a terra, entrava com requerimento na Ruralminas para titulação, regularização latifundiária da terra, e a Ruralminas, ela publicava um edital dando prazo de 30 dias para que alguma pessoa interessada se manifestasse contrário. Isso era publicado no Diário Oficial do Estado, cê imagina um trabalhador analfabeto, que não tinha nem rádio, como é que ele ia saber se tinha alguma coisa publicada no Diário Oficial do Estado?

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ele não lia os órgãos que publicava, e aí o que que o Estado fez? O Estado foi legalizando terra para os fazendeiros, para os latifundiários, legalizando terra para as empresas plantar eucalipto.

**CAROLINE:** Então de certa forma a Ruralminas contribuiu para grilagem de terras?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Contribuiu sim.

**CAROLINE:** Nesse processo?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Contribuiu sim, porque à medida que eles foram regularizando as terras, eles contribuíram, porque eles não procuraram olhar o que tava acontecendo, a grande expulsão em massa de trabalhadores, a queima de casa, né, que aconteceu. As grandes empresas desceram máquinas, destruíram o pequi que havia na região, que era uma fonte de alimento muito grande, né, que era utilizada pela população que vivia na área rural na época. Isso foi tudo destruído, foi queimado para fazer carvão, e no seu lugar foi plantado eucalipto, dando grandes áreas de reflorestamento.

**CAROLINE:** O senhor poderia...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Existe até... Hein?

**CAROLINE:** O senhor...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Fala.

**INTERLOCUTOR:** Você ia detalhar uma situação?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Repete, por favor.

**INTERLOCUTOR:** Você ia detalhar uma situação?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Se eu ia?

**INTERLOCUTOR:** É.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, é prosseguindo. É isso mesmo que eles faziam, né, queimando as casas, os latifundiários queimando as casas, expulsando os trabalhadores, destruindo a grande plantação de pequi, porque a vegetação era praticamente pequi. Existe um fato que eu vou relatar para você, da cidade de São João do Paraíso, aonde uma empresa de reflorestamento, se não me falha a memória, a Planta 7, de Sete Lagoas, aonde eles chamaram o pessoal do DOPS para lá, na época...

**CAROLINE:** Do DOPS?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É. E prenderam a diretoria do sindicato e espancaram um trabalhador lá, que era da direção do sindicato, do nome de João, esse rapaz, inclusive, ele, eu não sei se ele já faleceu, mas ele ficou deficiente, e fisicamente ele ficou perturbado de tanto apanhar.

**CAROLINE:** Pela questão da tortura?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É, foi uma tortura, foi torturado mesmo.

**CAROLINE:** E quando aconteceu isso?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ô, minha filha, agora...

**CAROLINE:** Mais ou menos.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Tá ruim de recordar, viu, mas isso deve ter acontecido no início dos anos 80.

**CAROLINE:** Entendi, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Por ali. Inclusive eu fui para lá no dia. Eu cheguei lá, encontrei o pessoal tudo preso, e o pessoal da polícia que jogava futebol de salão de tarde com eles, quando era à noite, pegava os caras e espancava os caras dentro da delegacia.

**CAROLINE:** Entendi. E como o senhor ficou sabendo que o DOPS atuou ali?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu fiquei sabendo porque houve denúncia, né, e eu fui para lá, porque tudo que acontecia, na época, a direção da FETAEMG, a gente saía junto com advogado e ia para os municípios atrás.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Certo? Chegando lá, nós deparamos com essa situação, e o nosso pessoal aqui em Belo Horizonte acionou a Secretaria de Segurança e conseguiu mandar para lá um delegado especial, que chegou lá e colocou o pessoal da polícia, que tava lá tudo, e mandou de volta para Belo Horizonte, foi aonde a gente conseguiu dominar a situação lá e intervir para que eles parassem de torturar os trabalhadores.

**CAROLINE:** Ah, entendi. Então os policiais do DOPS que estavam na cidade foram enviados de volta à Belo Horizonte?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E procê acabar de confirmar isso, se você já conversou com o Luiz, o Luiz sabe disso, porque na época ele tava em Montes Claros.

**CAROLINE:** O Luiz Chaves?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O Luiz Chaves. Se ocê ligar no Sindicato dos Trabalhadores Rurais lá de São João do Paraíso também você vai ficar sabendo disso.

**CAROLINE:** Vou entrar em contato. O senhor se lembra de nomes?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Lá do sindicato?

**CAROLINE:** É.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, hoje eu não lembro mais, não. Eu não sei quem tá na direção, não.

**CAROLINE:** Mas vou entrar em contato.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Tem uma pessoa que participou disso junto comigo, ele chama Juraci.

**CAROLINE:** O Juraci que tá na Contag?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Que tá na Contag. Ele participou junto comigo lá no enfrentamento dessa situação.

**CAROLINE:** Tá, eu vou entrar em contato então, muito obrigada, viu.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Cê liga depois lá para a Contag, que o Juraci vai dar testemunho disso que eu tô falando né.

**CAROLINE:** Tudo bem.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E essa questão que eu relatei procê da Ruralminas, foi no Norte de Minas inteiro ali, ó, naquela região ali de Montes Claros, São João do Paraíso, que eu te falei, Taiobeiras...

**CAROLINE:** Então havia... Hum? Pode continuar.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Januária, um dos lugares também mais perseguido que nós fizemos foi São Francisco, na Serra das Araras, aonde nosso companheiro Elói foi assassinado, você já deve ter tido essa informação também, né.

**CAROLINE:** Sim, sim. Então havia um processo que os latifundiários e grileiros, né, expulsavam os posseiros, destruíam suas posses e depois entrava com pedido de legalização junto à Ruralminas, né.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, e esse pedido, eu volto a reafirmar para você, era publicado no Diário Oficial, que os trabalhadores rurais não liam, né, e assim, tranquilamente, eles pegava e se tornavam o dono das terras de forma legítima.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Entendeu?

**CAROLINE:** Entendi, sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E esse processo, ele se deu nessa região inteira, inclusive deu também no Pontal do Triângulo Mineiro, e o processo se dava da seguinte forma: quando eles não conseguiam expulsar queimando casa, eles matavam liderança, matava o trabalhador, e o processo era sempre dessa forma.

**CAROLINE:** Entendi. E, Montalvão, em relação à Secretaria de Segurança, como era a relação da FETAEMG com a Secretaria?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Era muito difícil, né. Até porque a gente não confiava, porque havia uma perseguição muito grande, e a polícia, na época, ela sempre atuava do lado dos latifundiários, tanto era assim que o Luciano, por exemplo, que eu vou relatar para vocês, se sentia protegido. E por que que eu fui ameaçado? Foi a partir do momento que a Secretaria (trecho incompreensível), aí quando começou a gente ter acesso, a conquista das Diretas a partir de 82, 83, aí, aí começou a haver uma ruptura com o sistema e começou a haver uma abertura para a gente poder ter mais acesso aos órgãos de segurança do Estado, inclusive no início do governo Tancredo.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu tô sempre repetindo que o governo Tancredo foi uma pessoa que sempre esteve presente na FETAEMG, e foi uma pessoa que assumiu um

compromisso de ajudar a resgatar (trecho não compreensível), e realmente cumpriu a palavra dele.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E à medida que ele foi modificando, né, os órgãos de Estado, e na própria Secretaria de Segurança, desculpe, a secretaria que não tinha muito a ver com a história, com a gente, mas que ajudou muito também.

**CAROLINE:** Hum, do trabalho?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Foi a Secretaria do Trabalho através do Ronan Tito, quando ele assumiu a Secretaria, o Senador Ronan Tito.

**CAROLINE:** Uhum. Porque o Ronan Tito, ele começou a dialogar com a FETAEMG?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Já começou. Começou, sim, há muito tempo, porque quando a FETAEMG, a gente fazia alguns eventos, e para que aqueles eventos fossem mais fortes, alguns políticos que a gente acreditava um pouco mais do que tudo que existia, a gente convidava. No caso do Tancredo, o Ronan, eles sempre tiveram presentes nas ações da FETAEMG. (Trecho não compreensível) que foi prefeito de Belo Horizonte, né, assim como o Durval Anjos, assim como esse menino aí que eu te perguntei dele procê, o Neymar, né?

**CAROLINE:** O Nilmário?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso, o Nilmário, né.

**CAROLINE:** Uhum, Nilmário Miranda.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, o João Batista, que começou pelo PT também.

**CAROLINE:** O João Batista do Mares Guia?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então esse pessoal sempre teve do lado da gente. O João, inclusive, chegou a visitar vários conflitos de terra junto comigo.

**CAROLINE:** Ele comentou sobre isso em depoimento.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, ele conversou, né?

**CAROLINE:** Conversou.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, ele foi lá na cidade Velinhos, que ele teve junto comigo, aonde os latifundiários cortaram acerca dos posseiros lá, e ele foi lá ajudar a refazer na época, ele era parlamentar. Entendeu?

**CAROLINE:** Entendi.



**ANDRÉ MONTALVÃO:** Mas então no caso do Ronan, o Ronan abriu as portas da Secretaria para ter a FETAEMG como movimento sindical.

**CAROLINE:** E antes do Ronan, a Secretaria do Trabalho tinha alguma relação com a FETAEMG?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Já não era uma relação tão ruim, certo? Eu não recordo direito qual que é, acho que era o Agostinho da Cruz, não era? Não sei se era ele, me parece que era. É, mas só, os órgãos do Estado só veio relacionar melhor com o movimento sindical a partir do momento que o Tancredo assumiu a direção.

**CAROLINE:** Uhum, entendi. Bom...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E antes também, o governo do estado até chegou ter uma certa relação com a FETAEMG, mas foi uma coisa muito mais através da amizade do que, do que de forma institucional, porque eu não sei se você sabe...

**CAROLINE:** É, mais tinha um diálogo com o senhor do que com a instituição.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É, o vice-governador, ele era de Muzambinho, chamava João Marques de Vasconcelos. Então como a gente era conterrâneo e era amigo aqui na cidade, às vezes abria um espaço, mas nada que rendesse alguma coisa a favor dos trabalhadores, não

**CAROLINE:** Entendi. Montalvão, nós encontramos algumas reportagens sobre o senhor da época, na época, no qual ressalta o seu papel como um importante ator na negociação de conflito de terra, né, que era reconhecido pelas autoridades, e visto de certa forma como ponderado. eu gostaria de que você comentasse mais sobre a questão de negociação com as instituições nesse conflito de terra, sabe, qual eram as dificuldades e também qual foi a estratégia do senhor para conseguir espaço e voz.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Uai, a estratégia... A estratégia era sempre de enfrentamento, e através da pressão que a gente conseguia chegar ao diálogo. E os latifundiários, em alguns casos, eles acabavam cedendo, que você sabe daquela história? Vai-se os anéis, né, mas você tenta segurar os dedos. Então quando os caras viam que a pressão estava ficando forte e que a gente também jogava pesado junto do... Quem trabalhava na época no Ministério da Reforma Agrária, a Contag tinha uma atuação muito pesada também, né, então a gente, à medida que a gente forçava a barra para conseguir a desapropriação, aí você conseguia abrir para o diálogo com os proprietários. E nesse caso, a partir desse, a partir do momento em que o governo foi abrindo, né, a redemocratização, os órgãos do governo ajudavam nessa intermediação, a igreja ajudava, havia alguns bispos, por exemplo, bispo de (trecho não compreensível) ajudava muito, o João Paulo lá de, de

Uberaba ajudava muito na negociação. Tinha um outro bispo com o nome de João Paulo que ficava em Ituiutaba. Então, quer dizer, a gente tentava trabalhar de uma forma que a gente reunia diversos segmentos, e através desse segmento que a gente conseguia sentar e conversar, muitas vezes com resultado, muitas vezes sem resultado.

**CAROLINE:** Entendi. Montalvão, você mencionou uma ameaça feita pelo Antônio Luciano Pereira Filho, cê poderia nos dizer o que aconteceu?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Posso. O que aconteceu foi o seguinte, o Luciano foi considerado por nós, do movimento sindical, um dos maiores grileiros de terra do Estado de Minas Gerais, porque se ocê conhece a história dele, ele é filho de pai rico, que é dono de todos os cinemas que haviam em Belo Horizonte, hotéis, dono da usina Lagoa da Prata, que hoje transformou em uma entidade. E lá no Norte de Minas no Rio Urucuia, ele, debaixo daquele rio vivia mais de 200 famílias de posseiros.

**CAROLINE:** Onde?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** No Norte de Minas, lá no Rio Urucuia.

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ficou bem gravado? Rio Urucuia, alô?

**CAROLINE:** Urucuia.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**CAROLINE:** Certo.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Lá no Norte de Minas.

**CAROLINE:** Certo.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E ele tentou, ele tentou desviar o rio para anexar a área dos posseiros na fazenda dele, e ali ele ia queimar as casas e colocar todo mundo para fora, e nós pegamos, e nós pegamos, através da FETAEMG, eu fiz uma denúncia contra ele na Secretaria de Segurança do Estado de Minas Gerais, e ele ficou furioso porque nunca ninguém tinha ousado fazer uma denúncia contra ele, e a secretaria chamou ele para conversar, aí ele ficou muito furioso, que ele foi na FETAEMG para poder me matar.

**CAROLINE:** E isso aconteceu quando?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso também foi lá no começo dos anos 80, por volta de 82, 83, por aí.

**CAROLINE:** Entendi. E como foi essa situação na FETAEMG?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** A situação foi o seguinte, ele chegou na FETAEMG para falar comigo, e pediu para falar comigo, o pessoal, conduziram ele até a sala que eu estava.

Era de manhã e era uma sala reservada, ele entrou na sala gritando, que ele era bastante, no meu entendimento, uma pessoa bastante desorientada no seu comportamento.

**CAROLINE:** Ele gritou o que?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí ele entrou gritando que, e falando de quem eu era, quem que eu pensava que eu era para denunciar ele na Secretaria de Segurança, e junto com o capanga dele.

**CAROLINE:** Jagunços?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É, o jagunço dele.

**CAROLINE:** Eles estavam armados?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, aí tinha uma mesa redonda, o jagunço já chegou, botou a, uma mala 007 em cima da mesa, e já abriu para que eu pudesse ver as pistola, certo?

**CAROLINE:** Eles levaram então armas em malas?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Levou em uma malinha 007.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí aquele falatório deles, a primeira coisa que eu fiz, eu botei a minha mão em cima do braço dele, puxei ele, e falei para ele, falei: “Antônio Luciano, aqui as pessoas entram falando baixo, ninguém é surdo aqui, e ocê não precisa entrar aqui gritando, se ocê quiser conversar, eu te recebi para nós conversar, se ocê não quiser conversar a porta da rua é a serventia”. Quando o rapaz tentou se mexer tinham 8 companheiros da FETAEMG em pé nas costas dos dois.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Pessoal, eu só falei isso para eles: “Olha para trás aí, ó...” Quando eles olharam para trás e viram o tanto de gente que tava lá, aí pegou, abaixou a bola, eu mandei o cara fechar a mala, o cara fechou, aí conversou, conversou, reclamou, falou muito.

**CAROLINE:** E o que vocês conversaram exatamente?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, ficou conversando lá. Retirou a ameaça, né, e fechou a mala, aí na hora ele não falou para mim que ele ia me matar, mas o meu entendimento foi esse, uai! Cê ia entender o quê?

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Entendeu?

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí ele pegou e ficou implorando para mim retirar a denúncia, eu falei: “Eu não vou retirar a denúncia coisa nenhuma, não, ué! Eu vou é tocar a denúncia para frente, e tem mais: aqueles posseiros nós vamos defender e se a gente souber que vocês fez mais qualquer coisa nesse nível dentro do Estado, pode ter certeza que a FETAEMG vai para cima”. Ele pegou, levantou e foi embora, foi isso que aconteceu.

**CAROLINE:** Entendi. E essa denúncia na Secretaria, ela foi para frente?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ela não foi para frente, a única coisa que ela fez, que sessou as (trecho não compreensível) dele a partir daí. Lá, por exemplo, foi defendido, né, eles não continuam com processo que tava, ele foi barrado, e ele não, e ele parou, né, de atormentar a vida dos posseiros.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aí, nós, em seguida, um pouco depois, em 86, os trabalhadores lá da usina em Lagoa da Prata fez uma grande greve lá, arrebitou com ele e com a usina, botou fogo em tudo lá, botou fogo nos caminhões, botou fogo no supermercado, botou fogo em tudo lá, e aí, com isso, ele foi sendo domado aos pouquinhos, né, até morrer.

**CAROLINE:** Até morrer. O senhor se lembra de outras situações que envolvem o Antônio Luciano, seja de ameaças ou outras violências?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, não, eu não recordo, não. Eu sei que ele fez, mas, assim, eu não posso afirmar, o que eu posso te afirmar foi o que eu relatei.

**CAROLINE:** Uhum, certo. O senhor se recorda de outras situações de ameaças contra o senhor, contra as pessoas da FETAEMG?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, no momento, não. Eu... A mais difícil mesmo foi essa lá de ameaça que nós sofremos...

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Houve várias outras, assim, ameaça psicológica intensiva, mas assim, de enfrentamento mesmo com a gente, não. Porque o seguinte, como é que a gente procedia? Em todo lado que havia um grande conflito de terra e que eles ficavam torturando os trabalhadores, a FETAEMG marcava grandes concentração e convidava os sindicatos vizinhos para levar trabalhador, e vinha, a gente convidava as direção das federação de outros estados, da Contag, e a gente fazia grandes atos com grande mobilização nos centros das cidades, defendendo os trabalhadores, e então é o que eu te falei, ameaça era a polícia, porque colocava-se o policiamento extensivo contra a gente,

eles ficaram sabendo, através das informação que eles obtinham, o lugar que a gente ia fazer esses atos, e eles chegavam primeira que a gente.

**CAROLINE:** Esse foi o caso do ato em Cachoeirinha, de 81?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Cachoeirinha... Foi Cachoeirinha, foi Teófilo Otoni, que nós fizemos um ato muito grande, em Guanhães nós fizemos muito grande, nós fazia ato com 5, 6 mil trabalhador. Foi uma vez, em uma cidade com o nome de Jacinto, lá no Vale do Jequitinhonha, aonde o presidente do sindicato tinha sofrido uma grande ameaça, lá, dos fazendeiros na época, né. Teve uma outra história, que eu me recordo também, em (trecho não compreensível), para relatar para vocês, é o seguinte, tinha uns fazendeiros lá que puxava os trabalhadores a pé, e tinha um (trecho não compreensível) que defendia os trabalhadores. Através do padre nós chegamos à situação desse conflito.

**CAROLINE:** Qual o nome do padre?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hein?

**CAROLINE:** O nome?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Padre Nunes, Padre Nunes.

**CAROLINE:** Nunes?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**CAROLINE:** Tá.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Lá em (trecho não compreensível). E sabe o que que os fazendeiro fez para tirar os posseiros da terra?

**CAROLINE:** O que?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ele botava, ele botava sal em volta das casas dos posseiros para o gado ir lá e derrubar as casas, porque o gado ia lambendo o sal e destruía os casebres dos trabalhadores, então cê vê que eles usavam tudo quanto era tipo de método para torturar os trabalhador e tentar expulsar os trabalhador da terra.

**CAROLINE:** Uhum. O senhor se recorda se alguma situação de tortura contra posseiro ou trabalhador rural?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** A mais forte que eu recordo que eu tô te falando é, foi a do João lá em São João do Paraíso. Porque nos outros casos praticamente não houve tortura, né, houve foi assassinatos, né. Porque no caso, por exemplo, eles, que eles assassinaram o Elói, eles assassinaram o Igor, aqui, em uma cidade aqui perto (trecho não compreensível) no conflito aqui perto de Sete Lagoas, eles assassinaram o Juraci na Fazenda Barreiro lá no Pontal do Triângulo, né. Precisava ter a história escrita para a

gente recordar, realmente faz muito tempo e eu não recorro de todos os atos que aconteceram.

**CAROLINE:** Sim. Existe algum caso de assassinato que você gostaria de relatar, dar mais detalhes? No Noroeste, Norte, Triângulo.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** O único caso... Eu posso, por exemplo, no caso do, da Fazenda Barreiro, que na época pertencia ao Município de Iturama, hoje, se eu não me engano, a cidade chama Carneirinho, porque o Município de Iturama foi desmembrado em 5. Então no caso lá, o Juracir, que era nossa liderança, que ajudava a organizar os posseiros, o fazendeiro assassinou ele, arrumou, arrumou um capanga e ficaram em um mata-burro que dava entrada à fazenda, e assassinaram ele quando ele passava nesse mata-burro. E essa fazenda nós conseguimos a desapropriação dela, e conseguimos fazer o assentamento de 212 famílias.

**CAROLINE:** Quando ocorreu isso mais ou menos?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Essas dificuldades tudo viu.

**CAROLINE:** Com o Juracir aconteceu mais ou menos quando?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso também foi nos anos 80, antes de 86.

**CAROLINE:** Anos 80, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque em 86, 86 eu fui para o Contag, isso foi antes de 86.

**CAROLINE:** Uhum. Existe outros casos que você gostaria de relatar também, destacar algo que marcou sua memória?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, realmente, assim, tá difícil para mim agora, viu.

**CAROLINE:** Uhum, não, sem problemas.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Tá? Se você quiser perguntar mais alguma coisa que você lembre...

**CAROLINE:** Sem problemas.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** (Trecho não compreensível).

**CAROLINE:** Sem problemas. Sobre as denúncias, vamos então falar das denúncias que eram encaminhadas em relação a assassinatos. Era, é recorrente a FETAEMG levar denúncias à Secretaria de Segurança, não é?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Além de ser, nós chegamos a ter atenção do Estado na época, com designação de delegado especiais para fazer apuração com a gente. Os crimes foram apurados, porém muitos poucos foram levados a júri, e os que foram, foram mal sucedidos.

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Por exemplo, no caso do Elói foi, foi investigado, foi apurado, o fazendeiro, o latifundiário que mandou matar era um ex-gerente de banco, foi a júri popular, mas foi cumprir pena em liberdade. E assim por diante. Claro que a grande maioria foi dessa forma que aconteceu.

**CAROLINE:** É, como...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Teve também, teve também um conflito em uma fazenda com o nome de Fazenda Mandiocãl, próximo de, de Unaí. Inclusive, essa moça, ela tá em Belo Horizonte, não sei se ocê conversou com ela, a Cidinha. Ela participava do pessoal dos direitos humanos.

**CAROLINE:** A Cida, sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, cê já conversou com ela?

**CAROLINE:** A Cida de Unaí, não é?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Isso.

**CAROLINE:** A gente ainda vai conversar com ela, mas ela é nossa colaboradora da COVEMG.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não entendi.

**CAROLINE:** A Cida é colaboradora da COVEMG, a gente conversa com ela, sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, ela nunca relatou a história do pai dela e da mãe dela?

**CAROLINE:** Do pai e da mãe sim, mas em relação a região, não.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, porque foi muito difícil para nós na época, porque nós vinha acompanhando conflito antes de ocorrer o assassinato, né, e também depois. Aí no caso eu até já tava na Contag, e a mãe dela, inclusive, foi, eu levei para minha casa lá em Brasília para fazer o tratamento, porque o pai dela morreu, né, foi assassinado, e a mãe dela foi baleada, mas conseguiu sobreviver. Mas esse caso aí, quem pode relatar melhor é a Cida.

**CAROLINE:** É, mas a mãe dela precisou de cuidados posteriores com o senhor?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Precizou, ela foi cuidada no hospital de Brasília, né, depois ficou na minha casa na recuperação uns dias.

**CAROLINE:** Entendi. Em relação à Fazenda Mandiocãl, o senhor se lembra de outras situações?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, foram muitas, mas eu mesmo não consigo recordar no momento para te passar, viu.

**CAROLINE:** Tudo bem. O senhor se recorda de um delegado em Arinos chamado Marcos Carence?



**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não.

**CAROLINE:** Certo. A Fazenda Menino, o senhor se recorda de algo, alguma situação, pessoa?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Fazenda Menino? Será que é lá onde mora, lá onde reside hoje a Maria Antônia, que é diretora da FETAEMG?

**CAROLINE:** É, bom...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Bonfinópolis?

**CAROLINE:** A Fazenda Menino englobava três municípios na verdade, né, Arinos, ali naquela região, né.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então.

**CAROLINE:** De tamanha extensão dela.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ali naquela região, ali, eu sugeria para vocês conseguir o telefone do sindicato de Bonfinópolis e falar com a Maria Antônia, ela foi diretora da área de reforma agrária na FETAEMG junto comigo.

**CAROLINE:** E ela era da época?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ela era da época. Ela ficou depois de mim, depois eu fui para Brasília, ela continuou mais um mandato na FETAEMG.

**CAROLINE:** Entendi. Eu vou tentar entrar com contato então.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** A Maria, ela tem, ela vai ter riqueza de detalhe a respeito dessa situação da terra em Minas Gerais, viu?

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Por acaso fui lembrar dela agora.

**CAROLINE:** Que bom, eu vou tentar entrar com contato com ela. O Rômulo mencionou...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Quem?

**CAROLINE:** O Rômulo.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hum?

**CAROLINE:** Ele mencionou uma situação, duas situações, na verdade, se o senhor poderia complementar o depoimento dele sobre a greve de Passos e sobre uma denúncia de trabalho escravo na usina da Gurgel, em Campo do Meio, na Fazenda Ariadnópolis.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, vamos começar por essa então, porque está ligado também à questão da terra. Então, aí o que que aconteceu ali, ali quando começou a sofrer muita denúncia sobre trabalho escravo, e como é que nós fizemos para que a gente pudesse romper com isso? Os trabalhadores foram sendo organizados para lutar

pela terra, e foram ocupando partes dessa usina, e esses trabalhador que eram escravizados e pouco assalariados, eles foram se tornando participantes do grupo que reivindicava a terra. E nós, nessa organização aqui no Sul de Minas, para que a gente conquistasse a terra, um grande grupo foi organizado e nós conseguimos ocupar, na época, a Fazenda Jatobá, que era, pertencia também à usina, mas que tinha sido vendido para um outro grupo para plantar café. E aí foi uma ocupação bem sucedida, e essa fazenda foi, inclusive, desapropriada pelo Incra para fazer assentamento.

**CAROLINE:** Uhum. Não, o Rômulo...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hum, diga.

**CAROLINE:** O Rômulo mencionou a situação que ele foi enviado, né, pelo senhor, né, que ele atuava no Sul de Minas, para investigar essa situação na usina, e que ele sofreu ameaças por parte da polícia e do Clóvis, no caso. Se o senhor...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, eu não recordo para completar isso, viu, eu só recordo dessa parte da organização, que o Rômulo tava junto, tava, que ele foi enviado pra lá, ele foi.

**CAROLINE:** Uhum, sem problemas.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E o que ele está relatando, o que ele relata é verdade, o que eu tô te passando, que eu recordo, é que nós transformamos a luta para melhorar a situação dos trabalhador assalariado em organizado para reivindicar a posse da terra.

**CAROLINE:** É, cê poderia continuar contando então?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, e até hoje, até hoje ainda existe um grande grupo que tá lá ocupando terra que era da usina e que até hoje não foi resolvida a questão da legalização, da Fazenda Jatobá, que tá do lado, foi, mas a usina não foi.

**CAROLINE:** Entendi, sem problemas. E sobre a greve de Passos?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, a greve de Passos também o Rômulo participou, foi em 81, foi... Foi a primeira greve de assalariado em Minas Gerais, porque até então os trabalhadores não tinham uma organização na luta pela terra, e foi a partir, eu assumi a FETAEMG em 75, somente a partir de 77, 78 que nós conseguimos dar os primeiros passos para conseguir fazer alguns acordos coletivos, e greve mesmo assim para haver um enfrentamento, só em 81. Aí foi a primeira que aconteceu, foi lá em Passos. E realmente foi uma luta muito difícil para os trabalhadores, porque a polícia foi para cima, né, no enfrentamento, só que os trabalhadores também estavam decididos e foram para o enfrentamento. Na época, foram 5 mil trabalhadores assalariados da cana lá em Passos.

**CAROLINE:** Uhum, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E aí houve tentativa, sim, da polícia de acusar os trabalhadores, tentativa de prender trabalhadores, só que nós enfrentamos a situação, enfrentamos o comando da Polícia Militar que tava lá e negociando, e não aceitamos, falamos que não ia aceitar, e não aceitamos mesmo e acabou (trecho não compreensível).

**CAROLINE:** Uhum, entendi. Montalvão, sobre outras situações, sobre outras regiões, você gostaria de destacar algo sobre Rio Doce, Vale do Jequitinhonha, Triângulo Mineiro?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, foi mais ou menos isso aí, né. Eu dei algumas pinceladas, aconteceu muitas coisas, agora, na verdade, assim, sem o arquivo fica muito difícil, né, da gente recordar. Por que isso já faz o que? Uns 40 anos, praticamente, que isso tudo aconteceu, né.

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Porque eu tô com 73. Eu entrei na FETAEMG, eu tava com 31, né, então fica muito difícil.

**CAROLINE:** Sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Aconteceu muita coisa, muita coisa.

**CAROLINE:** Muita coisa nessa luta.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É, mas fica muito difícil para a gente lembrar disso.

**CAROLINE:** Uhum. Montalvão, sobre, então como o senhor avalia a questão da justiça para com os assassinatos de trabalhadores rurais?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Uai, eu via da seguinte forma, aqui em Minas Gerais eu não me recordo de ninguém que tenha sido condenado e preso. Agora, na apuração dos crimes, a gente... Hoje, por exemplo, é uma outra situação. No caso de apurar os crimes, na época, sempre a gente conseguiu a apuração através da Secretaria de Segurança do Estado, mas é o que eu estou te dizendo, né, vai a júri popular e ser condenado, praticamente eu não me recordo de ninguém que tenha sido condenado.

**CAROLINE:** Uhum, e isso a partir do governo Tancredo, como você destacou, né?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Só começou a aparecer alguma apuração dos casos a partir do governo Tancredo.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** De lá para cá é que os casos foram apurados, aonde os trabalhadores receberam algum apoio do Estado nessas apurações.

**CAROLINE:** Uhum, entendi. Sobre a atuação da polícia, como o senhor avalia na posição de ex-presidente da FETAEMG nesse contexto da Ditadura?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, a situação da polícia é que na época, ela sempre foi favorável aos latifundiários, porque, até então, quem tinha poder e era favorecido era os grandes fazendeiros, era os grandes latifundiários, e eles nem precisavam contratar jagunços, né, porque eles tinham na época a polícia sempre a favor deles, a atuação era sempre do lado deles.

**CAROLINE:** Entendi. Para o senhor, qual os principais características, né, dos desafios para a atuação da FETAEMG na Ditadura em relação à depois da Ditadura? O contexto de luta...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Da FETAEMG antes e da FETAEMG de hoje?

**CAROLINE:** Não exatamente, mas como o senhor avalia aquele contexto da Ditadura e depois, em relação aos conflitos de terra, a questão agrária, sobre a atuação sindical e os órgãos de Estado?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, a grande diferença que eu entendo é a seguinte, na época, o movimento sindical não tinha nenhum apoio, não havia políticas públicas que favorecessem aos trabalhadores em qualquer dos grupos nosso, que é, por exemplo, o grupo organizado que luta pela reforma agrária, no caso dos trabalhadores sem-terra, que é a grande maioria é do Movimento Sem-Terra saiu de dentro do nosso sindicato. Foram lideranças que foram construídas e trabalhadas no sindicato, e que acabaram formando os grupos de trabalhadores sem-terra, né, então não havia nenhum apoio. Para conquistar as coisas tinha que ser através do enfrentamento, né, e a partir da abertura e da redemocratização, o que que aconteceu? O governo, de uma forma inteligente, o governo cedendo à Ditadura, começaram a criar políticas públicas que até então eram até reivindicadas no movimento sindical, aí, a medida que essas políticas, elas foram se desenvolvendo, os sindicatos, eles para trabalhar, no meu entendimento, de uma outra forma, passaram a ter uma outra visão, e passaram a rumar através das políticas públicas. E a nossa questão da terra passou a ser trabalhada também nessa direção, muito, no meu entendimento, muito na forma de demonstração.

**CAROLINE:** Uhum, entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Que até então a gente se focava na ocupação de terra no Estado todo e no Brasil inteiro, e tudo quanto era região do Estado e do país, eu entendo que de lá para cá e nos dias de hoje, a gente vê falar muito pouco em ocupação de terra, praticamente de invasão de terra, porque ocupação para nós é invasão para eles, que são os latifundiários, praticamente hoje cê não vê, a não ser no caso, por exemplo, desse conflito agora lá no Pará. E se a gente imaginar, cê pode ver que o genocídio passa a ser

o mesmo que era feito na época da Ditadura, né, porque, na verdade, como é que a polícia chega e assassina... É apenas um comentários, depois cê tira fora, descarta.

**CAROLINE:** Uhum.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Mas como é que a polícia chega e assassina 10 trabalhadores? Então a diferença que existe hoje é isso. Quer dizer, hoje, os nossos sindicatos, eles trabalham com políticas públicas, é fazendo casinha, é colocando luz para o trabalhador, sabe?

**CAROLINE:** Sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** É comprando alimento através da Conag e distribuindo. E com isso, os trabalhadores, no meu entendimento, não estão mais organizados, não existe, assim, hoje, mais, assim, uma frente de luta em cada área dos trabalhadores, no caso, por exemplo, que a FETAEMG, o trabalho era dividido. A gente tinha um diretor que liderava a questão da agricultura familiar, tinha um outro diretor que a direção dele era organização de assalariado. Você tem o caso da Maria Antônia que era responsável pela área de reforma agrária, a gente tinha um diretor que era responsável pela área de saúde, tinha outro que era responsável pela área de educação. Então era assim que a FETAEMG era formada na sua amplitude, e isso, a gente descentralizava essas ações na época através dos polos regionais que a gente tinha construído no estado todo. E eu vejo muito hoje a dificuldade, tanto nos casos políticos, como no caso do sindicato, que também não deixa de ser político, o que que... Falta muito, assim, um projeto para aquela população que você está à frente da coordenação dela (trecho não compreensível). Eu vejo que hoje, prefeito, governadores, deputados, presidência da república, direção sindical, direção de uma entidade, o pessoal tem muito um projeto próprio, pessoal, que é de permanência no poder, mas cê não vê um projeto que é um projeto voltado para o povo.

**CAROLINE:** Entendi.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Por isso que nós estamos nessa situação do país que nós estamos, exatamente por isso, porque cada um quer salvar sua pele. Haja visto que o movimento sindical dos trabalhadores rurais hoje, nós temos dirigentes com 50 anos de direção sindical, e eu sempre tive na minha cabeça, que foi o meu comportamento, que as direções, elas são transitórias. Cê não pode se eternizar na frente de uma direção, seja no sindicato ou qualquer outra que seja, então essa é a experiência que eu vejo da nossa época e posso...

**CAROLINE:** E, Montalvão, para o senhor, qual o papel da luta pela terra e da mobilização sindical dos trabalhadores rurais, da organização dos trabalhadores rurais e dos camponeses, né, na resistência à Ditadura?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Na resistência à Ditadura...

**CAROLINE:** Qual o papel?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Eu considero um papel importantíssimo, na época. Tanto que eu te falei, foi um trabalho que eu considero que mais (trecho não compreensível) que nós fizemos, foi de politização dos trabalhadores a partir dos anos 80 e a conscientização dos trabalhadores rurais, tanto é que nós tivemos um candidato a deputado federal, na época, que nós apoiamos, um camponês que teve 22 mil votos, que é o Joaquim de Poté, você já deve ter ouvido falar nele.

**CAROLINE:** Sim.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, foi muito importante. As concentração, os atos públicos. Por exemplo, nós fizemos uma concentração dos trabalhadores na Praça da Rodoviária aqui em Belo Horizonte com mais de 30 mil trabalhadores rurais, e eu, enquanto direção da Contag, nós colocamos a luta das camponesas, e das companheiras trabalhadoras rurais, nesse mesmo, fizemos uma concentração, a primeira concentração com 100 mil mulheres na esplanada do Ministério, que nós demos o nome de Marcha das Margaridas em nome da Margarida que era presidente do sindicato de Lagoa Grande, lá na Paraíba, e que tinha sido assassinada pelos fuzileiros. Então cê pensa que isso aí, ó, foi muito importante para a inclusão dos nossos direitos na Constituição de 88, foi a luta dos trabalhadores que nós conseguimos a maioria dos direitos, a cidadania dos trabalhadores, a cidadania das mulheres, as mulheres e os homens passaram a ter direitos iguais. Até então as mulher não tinha direito à posse da terra, e assim por diante. Quer dizer, as maiores conquistas nossas, que foram colocadas na Constituição de 88, foi porque os trabalhadores rurais, através da suas organização, do sindicato, da Federação e da Contag, conseguiram fazer pressão no Congresso Nacional, e conseguimos que parte da nossa reivindicação fosse aprovada.

**CAROLINE:** Entendi. E...

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Por causa que... A gente saiu um pouco da história, mas você foi me perguntar o papel, eu acho que o resultado e o truque desse papel, que começou no combate a Ditadura, na conquista das Diretas, deu o resultado que eu acabei de te relatar.



**CAROLINE:** Uhum. E, Montalvão, como o senhor avalia também os impactos, vamos falar sobre os impactos dos projetos governamentais de política agrária e de desenvolvimento sobre os camponeses aqui, em Minas Gerais?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Olha, é muito difícil, né, hoje, ficar muito tempo para fazer uma análise nesse sentido, porque, você veja bem, no caso da, no caso dos camponeses assalariado, eles perderam mais de 80% das suas vagas de trabalho através da mecanização que avançou muito, né, em todos os sentidos na área rural. No caso dos, da agricultura familiar, através da própria reivindicação do movimento sindical, através de uma série de programas e de políticas públicas sociais, que foram introduzidas no campo, eu também não posso deixar de considerar que houve uma melhoria no caso da agricultura familiar, principalmente em uma região igual eu vivo, que é Muzambinho, 90% das propriedades são agrícolas, são agricultores familiar, então abaixo de 10 hectares. Então através de (trecho não compreensível), através de colocação de luz, porque hoje toda propriedade rural tem energia, hoje toda propriedade rural tem uma antena de televisão, a grande maioria tem internet. Então hoje, por exemplo, você não precisa viajar mil, mil e quinhentos quilômetros daqui no Vale do Jequitinhonha para levar informação para o trabalhador, ela chega para o trabalhador, às vez com rapidez tão grande, quase que na rapidez da luz. Então houve uma modificação muito grande, porque na época eu tinha que sair de Belo Horizonte para levar uma informação para o trabalhador, tinha que ir lá no Pontal do Triângulo, tinha que ir lá no Vale do Jequitinhonha e tinha que fazer grandes atos que o trabalhador, ficar 2, 3 horas discutindo as questões políticas dos trabalhadores. Então essa mudança que houve através dos meios de comunicação mudou muita coisa, só que eu entendo que enfraqueceu a luta, porque houve um certo comodismo hoje, no meu entendimento, da liderança sindical, das lutas e, no meu entendimento, o processo da reforma agrária não avançou praticamente nada.

**CAROLINE:** Uhum, entendi. Montalvão, eu vou fazer uma última pergunta, é específica até, se o senhor tem conhecimento sobre casos de assassinatos em Miradouro?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não tenho.

**CAROLINE:** Hum, algo relacionado à família Ribas, não, né?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, não tenho.

**CAROLINE:** Tudo bem. Mais alguma consideração que o senhor gostaria de destacar sobre alguém, ou algo?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Não, não. Eu creio que é só isso. Vocês já falou com o Paulo do Elói, lá em São Francisco?



**CAROLINE:** Vou ligar para ele lá agora.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Hein?

**CAROLINE:** Vou ligar para ele agora, assim que a gente terminar aqui.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Então, fala com o Paulo. O Paulo é um grande camarada, além de presidente do sindicato ele foi até vereador lá, ele vai te contar a história, nós trouxemos o pai dele, que foi assassinado na Serra das Araras, são 150 quilômetros de São Francisco, mas fazia parte do município. Aí nós trouxemos ele para São Francisco para fazer a autópsia, ele foi assassinado na terça-feira, no domingo nós sepultamos ele, na terça-feira, ele vai relatar para vocês. Nós fomos por uma rua levando ele para fazer o sepultamento, e na outra rua os latifundiários foram soltando fogos.

**CAROLINE:** Isso no dia do sepultamento?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** No dia do sepultamento. Pergunta isso para o Paulo, o Paulo vai te falar isso.

**CAROLINE:** Tudo bem. Muito obrigada, Montalvão, o senhor nos ajudou muito com o seu depoimento, eu acho que se não o mais importante, o depoimento mais importante, é o central para entender o contexto da FETAEMG, da luta pela terra e por direitos trabalhistas camponeses, então eu gostaria muito de agradecer a sua ajuda e atenção também, paciência com a gente, muito obrigada, viu?

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Ah, eu só lamento não ser uma coisa organizada, né, porque a gente foi falando de forma aleatória, né, só que agora também cê tem condição através do relatório de organizar.

**CAROLINE:** Não, sem problemas.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** E também porque muita coisa hoje eu não recordo mais, talvez tenha muita coisa importante que eu poderia relatar, mas não sou só eu nessa história, as pessoas que eu te passei o nome vão ajudar, né, vão contribuir muito. Quero te pedir desculpas por não ir à Belo Horizonte.

**CAROLINE:** Não, não precisa, não. De forma alguma.

**ANDRÉ MONTALVÃO:** Mas eu, infelizmente, é igual eu te falei, não tenho muita vontade mais de ir, né. Isso é um caso que não tem nada a ver, é um problema meu particular...